


A psicologia e pedagogia sócio-histórica: Princípios epistemológicos

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.020-007>

Kátia Rodrigues Montalvão Paias

Doutora em Educação pela Universidade do Oeste Paulista. Administradora, Historiadora, Pedagoga e estudante de Psicologia. Mestre em Educação pela

Universidade do Oeste Paulista. Especialista em "Lato - Sensu" em Docência no Ensino Superior, em "Lato - Sensu" em MBA em Gestão com Pessoas e "Lato - Sensu" EM EAD e em Tecnologias Educacionais.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1021820837057851>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir sobre a Psicologia e Pedagogia sócio-histórica como possibilidade de atuação dentro do ambiente escolar e de libertação do sujeito. Compreender os princípios epistemológicos sobre a psicologia e pedagogia Sócio-Histórica pode levar o sujeito a se libertarem de culpas pelo seu fracasso e adoecimento psíquico, assim como a esperança de construir uma nova sociedade que supere as desigualdades sociais. A psicologia e a pedagogia Sócio-Histórica é uma perspectiva crítica que pensa a realidade social, econômica e cultural como algo exterior ao Homem. Que é construído historicamente e politicamente pelos homens que estão no poder.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica, Psicologia Sócio-Histórica, Crítica.



1 INTRODUÇÃO

A psicologia consolidou-se junto com a ascensão da classe burguesa ao poder, portanto existem correntes ou linhas da psicologia que está alicerçada nos princípios do capitalismo, como liberdade, igualdade, fraternidade, no próprio homem e as leis da natureza passaram a ser objeto de estudo.

A ciência moderna experimental, empírica e quantitativa que embasa influenciaram as abordagens da psicologia, por exemplo, a abordagem comportamental compreende que o homem é produto de condicionamentos, a Gestalt valoriza as experiências vividas pelo sujeito, a psicanálise enfatiza as forças do subconsciente.

As elites facilmente, tem acesso à psicologia, em contra partida, a população em contexto de vulnerabilidade não conseguem ter acesso a esta ciência. Da mesma forma, a visão da psicologia sobre o padrão de normalidade e de saúde transforma em anormal o diferente, o “fora do padrão dominante”.

Neste contexto, a Psicologia Sócio-Histórica é uma perspectiva crítica que pensa a realidade social, econômica e cultural como algo exterior ao Homem. Que é construído historicamente e politicamente pelos homens que estão no poder.

A elite que possui condições econômicas favoráveis, controlam as leis, a propriedade privada e culpa o sujeito pelo seu fracasso. A sociedade contemporânea é dividida em classes sociais, as classes que vivem em condições de vulnerabilidade não possuem os modos de produção, vendem a sua força de trabalho para sobreviverem e não possuem acesso a psicologia.

A Psicologia Sócio-Histórica busca superar os fenômenos que são apresentados e transmitidos aos seres humanos. Assume-se o pensamento psicológico, o sistema filosófico como mediação das proposições e o político-econômico capitalista.

O intuito é transpor os dualismos rígidos e insuperáveis, presentes nas correntes que defendem a objetividade ou subjetividade, a normalidade ou patológico, o social ou individual, o orgânico ou mental etc. E retirar a culpa do sujeito pelo seu sucesso ou fracasso, mas compreender a sociedade capitalista contribui para o adoecimento psíquico do sujeito. Este artigo tem como objetivo apresentar os fundamentos e os princípios Epistemológicos da Psicologia e da pedagogia Socioistórica .

2 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA CRÍTICA

Com a ascensão da classe burguesa ao poder, a ênfase da existência humana passou a ser fundamentada na liberdade, igualdade, fraternidade, no próprio homem e as leis da natureza passaram a ser objeto de estudo. Inicia-se a ciência moderna experimental, empírica e quantitativa. Estes elementos influenciaram as abordagens da psicologia, por exemplo, a abordagem comportamental compreende que o homem é produto de condicionamentos, a Gestalt valoriza as experiências vividas pelo sujeito, a psicanálise enfatiza as forças do subconsciente.



Porém o sujeito não pode ser compreendido de modo isolado, assim a psicologia sócio-histórica crítica é uma vertente que compreende o ser humano em sua totalidade, a qual está ancorada no marxismo e fundamentada no materialismo histórico dialético como filosofia, teoria e método.

A psicologia sócio-histórica crítica está embasada na psicologia histórico-cultural de Vygotsky (1896-1934). A qual busca superar os fenômenos que são apresentados e transmitidos aos seres humanos, pois “[...] o mundo social é um mundo estranho ao nosso eu. Um lugar no qual temos de estar [...]” (BOCK, 2007, p.22).

Assim, a ideologia construída pela classe burguesa torna-se um instrumento de manipulação de dominação para adaptação dos seres humanos ao mundo social, cultural e econômico. Essa ideologia é propagada desde o início da vida do sujeito, de modo que ao longo de sua existência ele torna-se adaptado a realidade social. Os seres humanos reproduzem as atividades sem saberem o porque estão fazendo. Como por exemplo estudar, trabalhar, casar.

Deste modo, o fenômeno abstrato é compreendido como características humanas como se fosse inerente a natureza humana. Naturalizando o fenômeno psicológico, como se fosse algo determinado. No entanto, “a Psicologia Sócio-Histórica não trabalha com essa concepção, acredita que o fenômeno psicológico se desenvolve ao longo do tempo (BOCK, 2007, p.22).” Visto que o fenômeno psicológico não tem força motriz própria, já que é na interação com o mundo material e social que os seres humanos são desenvolvidos.

O corpo biológico é elemento básico da relação, porque é nele que se processa o fenômeno psicológico, essa relação com o mundo é fundamental para que ocorra as potencialidades dos seres humanos. Por muitos anos a psicologia tradicional embasada no positivismo colabora para responsabilizar os sujeitos pelos seus fracassos ou sucessos, como se eles fossem os únicos responsáveis por suas escolhas. Porém, não pode se excluir o contexto social em que o indivíduo está inserido, já que as condições de vida contribuem ou não para o desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito.

Infelizmente, as psicologias tradicionais

[...] tem reforçado formas de vida e de desenvolvimento das elites como padrão de normalidade e de saúde, contribuindo para a construção de programas de recuperação e assistência destinados àqueles que não “conseguem (ao puxarem pelos seus próprios cabelos)” se desenvolver nessa direção. Tem transformado em anormal o diferente, o “fora do padrão dominante” E por que esse aspecto faz da Psicologia Sócio-Histórica uma perspectiva crítica? Porque já não poderemos mais pensar a realidade social, econômica e cultural como algo exterior ao Homem [...]. (BOCK, 2007, p.25)

A psicologia sócio-histórica crítica compreende que o mundo psicológico e o mundo social caminham juntos interagindo entre si. Por tanto é fundamental que a psicologia compreenda que o mundo psicológico precisa trazer em seu âmbito a realidade social em que o ser humano está inserido, onde o fenômeno psicológico se forma.



As diferenças existentes entre os seres humanos são tomadas como naturais e são usadas como justificativa das desigualdades sociais.

[...] A questão está em que tais diferenças, em uma sociedade que naturalizou a normalidade, se tornaram fontes de desigualdade e justificativas para desigualdades que são sociais. A Psicologia registrou essas diferenças como diferenças individuais e, ao naturalizar o desenvolvimento, ocultou a origem social das diferenças. Com isso, classificou, diferenciou, discriminou e estigmatizou. [...]. (BOCK, 2007, p.29)

Ao contrário, a psicologia sócio-histórica crítica não naturaliza as desigualdades sociais, porque compreende que o desenvolvimento do homem e de seu mundo psicológico é uma conquista da sociedade humana. Deste modo, é necessário denunciar este trabalho de ocultamento das condições de vida que está presente no discurso das psicologias positivistas, porque não existe nenhum discurso neutro, todas as ações estão cheias de ideologias.

Conclui-se que o profissional de psicologia deve ter o rigor ético que garanta o respeito e a transparência de sua atuação. “[...] Nosso trabalho, como psicólogos, passa a ser visto como ação direcionada e intencionada. [...]” (BOCK, 2007, p.30). A qual é contrária a mentirosa objetividade do cientista, da neutralidade presente nas abordagens positivistas, indo além do plano da aparência presente nos fenômenos.

3 O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO DA PEDAGOGIA E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Para a psicologia sócio-histórica e para a pedagogia histórico-crítica, o trabalho é a categoria fundante do ser social, é determinação das relações indivíduo – gênero humano e escola – sociedade. O ser humano se difere dos animais porque não se submetem às leis naturais, pelo contrário, eles a transforma para suprir os seus objetivos, assim, o trabalho é a atividade vital que é compartilhada através das mediações e da relação educação e sociedade.

O conhecimento em Marx é fundamentado nas categorias do método dialético, como singular, universal, particular. Existem dois complexos que são fundamentais ao materialismo histórico-dialético, o primeiro é o complexo do trabalho como categoria fundante do ser social.

Porque a lógica do complexo do trabalho está na lógica de desenvolvimento e desdobramentos históricos, os quais estão presentes nas dinâmicas das categorias de apropriação e objetivação, nas relações presentes entre o indivíduo singular-gênero humano, na universalização do conhecimento e na particularidade da relação escola-sociedade.

O segundo é o complexo do método científico de apreensão da realidade concreta e seu sistema de mediações necessárias, o qual faz referência aos princípios gerais da dialética materialista, conceituados de totalidade, movimento e contradição, categorias nucleares da teoria do conhecimento



em Marx e fundamentais para a compreensão da lógica do ensino e da aprendizagem no trabalho educativo e do próprio método pedagógico histórico-crítico.

O ser humano transforma a natureza de acordo com seus propósitos, diferentemente dos outros animais que estão submetidos as leis naturais. No entanto, Leontiev afirma que teve épocas diferentes, em que os homens não transformavam a natureza para suprir os seus objetivos. O autor Leontiev fala da evolução da espécie do Ser humano, ele descreve três estágios da antropogênese (Leontiev,1978).

A primeira é a preparação da passagem ao homem, neste momento as leis existentes eram as leis biológicas, esta fase é denominada de fase dos australopitecos. Os seres humanos tinham a capacidade de execução de operações manuais, faziam manuseios de instrumentos rudimentares, eles tinham o corpo em posição vertical, viviam em tribos, por isso, elaboraram maneiras elementares de comunicação (Leontiev,1978).

A segunda é a passagem ao homem, que é quando acontece a fabricação dos primeiros instrumentos, a estruturação de maneiras embrionárias da sociedade, o desenvolvimento da linguagem, tais transformações provocaram uma mudança na constituição anatômica dos seres humanos, mudanças relacionadas ao cérebro, ao órgão do sentido, as mãos e ao órgão da linguagem(Leontiev,1978).

E, por último a Viragem humana, que é o momento aonde o homem não se submete mais a natureza, ele a transforma e produz aquilo que conceituamos de cultura. Neste período não ocorreu alterações biológicas significativas, mas os seres humanos sofreram mudanças rápidas, profundas e complexas, as quais foram determinadas pelas condições sociais (Leontiev,1978).

A capacidade que o ser humano tem de transformação na natureza é o que o diferencia das outras espécies, esta capacidade de transformação é denominada de trabalho, que representa a nossa atividade vital. Para Marx a relação indivíduo-natureza não pode ser reduzida a um enunciado biológico, porque é uma relação que ocorre entre a espécie dos seres humanos e os objetos de suas necessidades, a qual é produzida pela atividade social produtiva própria dos seres humanos (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

É importante compreender que as necessidades humanas que necessitam ser satisfeitas pela atividade social têm um caráter histórico e mediatizado, já que os próprios objetos que satisfazem as necessidades humanas não são objetos de caráter natural imediato, pelo contrário, estes objetos já sofreram modificações do trabalho.

É através da mediação da sociedade humana que é possível os seres humanos se posicionarem em relação aos objetos de suas necessidades, visto que ao entrar em contato com outros objetos naturais e com outros homens, nasce as necessidades sociais. As necessidades sociais nascem da produção material, por isso, estão submetidas às suas leis imanentes. É com as leis imanentes que os sujeitos constroem novas maneiras de apropriação da natureza e objetivações humanas com relativa autonomia.



A teoria social também aborda outro elemento fundamental, que é a universalidade do ser humano, visto que as atividades sociais de trabalho que os seres humanos produzem em determinado tempo histórico, transcendem o seu tempo adquirindo um carácter universal (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Conforme ocorre a apropriação da natureza pelos seres humanos, eles dão aos produtos função e significado, outro detalhe importante é que a sua transformação depende da adequação do objeto às finalidades pretendidas. Assim, fica claro que a relação entre humanos é um processo histórico e não fundamentalmente biológico, conforme o corre o desenvolvimento da humanidade, sintetiza um acervo de elementos e significações sociais, materiais e imateriais que são acumulados pelas gerações atuais e pelas próximas gerações. O trabalho humano tem um carácter universal, por isso, o conhecimento humano adquire princípios de universalidade.

Marx criticou a sociedade burguesa, mas, não negou o lado positivo da universalização do ser humano e do próprio conhecimento que o desenvolvimento do capitalismo proporcionou. A universalização do mercado mundial fez com que os círculos mais imediatos e locais das relações humanas, presentes nas sociedades pré-capitalistas, fossem interrompidos. É importante destacar que a riqueza material e espiritual produzida pelo conjunto dos seres humanos não é disponibilizada e nem incorporada por todos os indivíduos singulares igualmente (Saviani, 2005).

O trabalho é uma atividade humanizadora, porém na maneira que é desenvolvido na sociedade capitalista, em sua forma assalariada e explorada torna-se desumanizador, do mesmo modo que ocorreu na sociedade antiga e feudal. Neste Contexto, o trabalho é alienado, porque a separação da objetivação dos produtos do trabalho, a separação da sua incorporação pelos próprios indivíduos, os quais coletivamente participaram de tal produção. Assim, a produção é coletiva, mas a apropriação é privada, estando restrita a classe dominante (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

A noção de totalidade é essencial para o conhecimento, porque ela demonstra os dados da realidade que são conhecidos como resultado alcançado em cada época, assim como permite que a pesquisa científica indique e leve a novos conhecimentos, de modo que seja empregada e que considere o que já foi conquistado.

A gênese do desenvolvimento da ciência para o materialismo histórico-dialético está na própria atividade do trabalho. É através do trabalho educativo que o conhecimento é passado aos indivíduos singulares, porque este trabalho permite que os sujeitos entrem em relação com os objetos existentes e acumulados pelo gênero humano, é por meio deste trabalho que eles se apropriam das forças essenciais humanas que foram historicamente produzidas e socialmente acumuladas nas produções materiais e imateriais da cultura humana para que possam se efetivar na história (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).



A exigência da educação escolar e da socialização do saber sistematizado se dá a partir do desenvolvimento histórico-social do gênero humano e da universalidade do conhecimento. É na sociedade burguesa que é colocado a exigência de universalização da escola básica, exigindo que um conjunto dos conhecimentos fundamentais para os homens possam ser transmitido e apropriado.

É com essa compreensão histórica que a pedagogia histórico-crítica possui uma concepção nuclear, a qual compreende que a escola viabilize a apropriação, em cada indivíduo singular, do conjunto dos conhecimentos mais desenvolvidos acerca das ciências, da filosofia e das artes, estes que se apresentam como riqueza imaterial de humanização e que são fundamentais para o desenvolvimento dos seres humanos (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Deste modo, Saviani compreende que a educação é a mediação no seio da prática social global. E que o materialismo histórico-dialético e as categorias metodológicas do singular, universal e particular presentes no método da economia política, situa o trabalho educativo como mediação da relação indivíduo e gênero humano (Saviani, 2005).

Em relação a teoria do conhecimento, Marx e Engels compreendem que o pensamento reflete o real, com a possibilidade de transformá-lo através das ações humanas empregadas. Porém, somente a força do pensamento não é capaz de realizar tal feito. É importante compreender que o conhecimento imediato é superficial, para que o conhecimento não seja superficial é necessário ter regras e leis que permitam chegar cientificamente a conhecer algo (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

De acordo com o marxismo o critério de verdade é a prática, assim, a verdade é subjetiva como conhecimento humano. Os indivíduos precisam apropriar a verdade e objetivá-la como conteúdo do conhecimento, independe da consciência dos sujeitos para existir.

Compreender a dialética entre o histórico e o lógico permite que o indivíduo alcance a verdade objetiva por meio do pensamento, conhecimento humano do real. A lógica dialética compreende que conhecer é refletir às propriedades e leis do mundo objetivo, reproduzir sob a forma de reflexo psíquico ideal o conjunto das propriedades e elementos constitutivos da própria vida prático-objetiva (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

A atividade humana é a unidade entre o ser humano e a natureza mediatizada pelo reflexo psíquico dotado de significado consciente. Portanto, o concreto (o real) é o ponto de partida e de chegada do conhecimento (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

O concreto que é o real como ponto de partida é limitado, porque os indivíduos possuem uma captação do concreto-empírico, que é sincrético, impreciso, superficial, sensorial, imediato e difuso. É somente através da mediação da análise e do movimento da abstração do pensamento, que é possível chegar à apreensão desse mesmo concreto como uma totalidade enriquecida, mais precisa, aprofundada, mediada e concisa, capaz de resultar no concreto pensado, sendo síntese de múltiplas determinações (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).



Para interpretar o método dialético materialista é necessário compreender o lugar das categorias em seu sistema. As categorias podem ser consideradas reflexos do mundo objetivo, assim como as determinações da existência do ser dos processos, objetos e fenômenos do mundo real e objetivo, expressando o modo de ser das coisas (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Marx operou de forma dialética com as categorias do singular, do universal e do particular na análise de seu objeto de estudo. Ele demonstra cientificamente que o modo de produção capitalista é um modo de produção particular, especificamente definido pelo desenvolvimento histórico, portanto é histórico e transitório (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

O singular e o universal coexistem no fenômeno. O singular isolado é aparência fenomênica e o puro universal é carente de concreção. É necessário buscar as múltiplas determinações e das relações numerosas para se alcançar a concretude do objeto ou fenômeno, alcançar o sistema de mediações que o determinam (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Marx afirma que o concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações. Ele afirma isso, porque o particular é a mediação dessa relação entre o singular e o universal, entre todo e parte, de modo que o verdadeiro conhecimento do objeto ou fenômeno é o conhecimento das relações entre parte e todo, dos vínculos internos que sintetizam múltiplas determinações (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Deste modo, é imprescindível compreender as categorias da lógica dialética no método pedagógico da pedagogia histórico-crítica, porque a não apreensão das categorias fundamentais do método em Marx no âmbito dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica pode conduzir ao desenvolvimento de um trabalho com inúmeros problemas de ordem metodológica.

O método da pedagogia histórico-crítica acaba convertido em cinco passos realizados sequencialmente e de maneira esquemática: Parte-se da prática social; depois, problematiza-se; logo após, instrumentaliza-se; depois, faz-se a catarse, para, em sequência, retornar a prática social (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

4 PSICOLOGIA SOCIOISTÓRICA

A psicologia e a pedagogia sócio-histórica compreendem que o mundo psicológico e o mundo social caminham juntos interagindo entre si. Deste modo, o enfoque metodológico embasado para a psicologia e para a pedagogia sócio-histórica está na compreensão de que o mundo psicológico e concreto é composto e formado pela realidade social em que o ser humano está inserido, pois, é onde o fenômeno psicológico se forma.

Neste contexto, a formação do psiquismo para a psicologia socioistórica ocorre por meio das condições objetivas que o sustentam. O psiquismo é formado pelas relações materiais, históricas e dialéticas.



Para Vigotski, o papel diretivo desempenhado por dimensões psicopatológicas e por preceitos advindos da psicologia comparada animal; a exemplo do que se apresenta, respectivamente, no sistema psicanalítico e derivados, bem como na reflexologia pavloviana e no condutivismo; corrobora para a formulação de uma “psicologia” constituída por inúmeras disciplinas particulares (ou abordagens) que, desprovidas de unidade ou de princípios explicativos gerais, arvoram-se uma suposta autonomia, no âmbito da qual se esvai a própria psicologia. (Martins, 2008, p.35).

A psicologia socioistórica postula-se na ciência, estrutura-se na delimitação de seu objeto e método, o qual fundamenta-se no materialismo histórico e dialético. Busca pela delimitação do objeto e do método:

[...] proposição vigotskiana acerca da necessidade de constituição da psicologia científica, qual seja: a questão do método. Podemos afirmar, ainda que de modo bastante geral, que toda ciência se estrutura na base da delimitação de seu objeto e método. Conforme expresso anteriormente, se o nó górdico da psicologia não é da alçada do objeto, resta-nos então, identificá-lo em sua expressão metodológica. Este foi o raciocínio seguido por Vigotski ao dissecar a referida crise da psicologia. (Martins, 2008, p. 38)

Portanto, para uma efetiva compreensão do desenvolvimento humano considera-se a sua totalidade, ou seja, o bio – psico – sociais. A psicologia socioistórica defende a formulação de uma psicologia geral como fundamento para “as psicologias”.

Compreende-se que o objeto de estudo é o geral para todo estudo, inclusive para a psicologia. Os vários sistemas ou corrente dentro da psicologia, as quais se denominam independentes impossibilita a consolidação de uma verdadeira psicologia geral, assim como impossibilita a investigação científica.

A psicologia socioistórica busca superar a fragmentação, pois considera os fenômenos psíquicos reais, busca superar a abstração e a atomização lógico formal. Por meio da dialética considera a natureza, o pensamento, a história para formar a ciência mais geral, universal com o intuito de alcançar o máximo de proposições.

A teoria do materialismo histórico e dialética da psicologia é o que se defende como psicologia geral, a psicologia socioistórica luta pela construção de uma nova psicologia, que supere as diversas correntes e que se forme uma concepção filosófica determinada.

Para Vigotski, o papel diretivo desempenhado por dimensões psicopatológicas e por preceitos advindos da psicologia comparada animal; a exemplo do que se apresenta, respectivamente, no sistema psicanalítico e derivados, bem como na reflexologia pavloviana e no condutivismo; corrobora para a formulação de uma “psicologia” constituída por inúmeras disciplinas particulares (ou abordagens) que, desprovidas de unidade ou de princípios explicativos gerais, arvoram-se uma suposta autonomia, no âmbito da qual se esvai a própria psicologia. (Martins, 2008, p.37)

Assume-se o pensamento psicológico, o sistema filosófico como mediação das proposições e o político-econômico capitalista. O intuito é transpor os dualismos rígidos e insuperáveis, presentes



nas correntes que defendem a objetividade ou subjetividade, a normalidade ou patológico, o social ou individual, o orgânico ou mental etc.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que seres humanos transformam a natureza para alcançar os seus objetivos, diferente dos animais que se submetem a leis naturais. Assim, o trabalho é a atividade vital dos seres humanos, o qual é uma relação histórica que é transmitido de geração a geração.

É fato que a riqueza material e espiritual produzida pelo conjunto dos seres humanos não é disponibilizada e nem incorporada por todos os indivíduos singulares igualmente. As pessoas que estão em contexto de vulnerabilidade não possuem acesso à psicologia, a qual facilmente é acessada pela elite.

Da mesma maneira, as correntes de psicologia não consideram o contexto histórico, social, político, econômico do sujeito. Muitas vertentes culpabilizam o sujeito, as questões biológicas e adaptam o sujeito para aceitarem e se adaptarem a realidade.

Entretanto, a psicologia e a pedagogia histórico-cultural defende a cientificidade da psicologia, delimita o objeto e o método, da mesma forma que considera as questões históricas, sociais, culturais e busca a superação da sociedade dividida em classe.



REFERÊNCIA

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Fundamentos Filosóficos da Pedagogia Histórico-Crítica.

Bibliografia básica: GALVÃO, A. C.; LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. O materialismo histórico-dialético como fundamento filosófico da pedagogia histórico-crítica. In: GALVÃO, A. C.; LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. Fundamentos da didática histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2019. p. 43-78.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARTINS, Lígia Márcia . Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: Lígia Márcia Martins. (Org.). Sociedade, educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da Psicologia Sócio-Histórica. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, v. , p. 33-60.

SAVIANI, D. Pedagogia- Histórico- Crítica. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.